

Biosseguridade na suinocultura

A biosseguridade pode ser definida como um conjunto de medidas adotadas para impedir ou reduzir a entrada e disseminação de patógenos, protegendo os suínos contra doenças infecciosas, realizando a promoção da saúde e do bem-estar desses animais. Essas práticas são primordiais, a fim de garantir uma produção de carne suína saudável, reduzindo o uso de antibióticos e outros medicamentos, além de melhorar a produtividade do setor.

A implementação de um sistema eficiente de biosseguridade é crucial para o sucesso de uma granja de suínos, especialmente no atual contexto sanitário do Brasil, sendo livre de doenças importantes como Febre Aftosa, de Peste Suína Africana, Diarreia Epidêmica Suína, e em alguns estados, de Peste Suína Clássica. Ademais, vários outros agentes infecciosos podem afetar o setor direta e indiretamente com doenças, que podem causar perdas econômicas significativas e impactar a saúde pública, caso não sejam controladas de forma adequada.

A biosseguridade é, portanto, uma prioridade para a suinocultura, tanto para evitar surtos de doenças, quanto para a promoção do bem-estar animal e garantir a qualidade e a segurança dos produtos oriundos do setor suinícola e destinados à alimentação. Essa prática pode ser classificada em diferentes níveis, sendo:

- Biosseguridade conceitual, que se refere ao local em que a granja está instalada, a estrutura da região e os desafios que ali se encontram, como proximidade de estradas, de outras propriedades, topografia do solo, e demais características regionais;
- Biosseguridade estrutural: Está relacionada a estrutura da granja, como as instalações dos galpões e seus equipamentos que ali se encontram, como cercas, telas de proteção, barreiras sanitárias, equipamentos de desinfecção, entre outros.
- Biosseguridade operacional: Envolve todas as atividades relacionadas à promoção das práticas de biosseguridade em uma propriedade, que pode ser representada pela limpeza e desinfecção, vacinações, controle de acesso, dentre outras práticas.

Por ser determinada por um conjunto de práticas, a biosseguridade na suinocultura envolve estratégias em diferentes áreas da propriedade. A seguir, se encontram algumas principais que podem ser aplicadas na sua granja, conforme o seu perfil:

1. Isolamento e controle de acesso na granja

Primeiramente, deve-se atentar à integridade das cercas e portões de acesso. Eles devem ser suficientes para impedir o acesso de animais, de pessoas e veículos não autorizados. No caso de visitantes e veículos autorizados, é indicado que todos sejam identificados em livro próprio para controle de visitantes, com data e origem, para que, desta forma, possa haver uma melhor rastreabilidade caso haja ocorrência de doenças após essas visitas, e assim, identificar a origem e formas de evitar novas incidências.

2. Limpeza e desinfecção

Em todas as instalações devem ser seguidos protocolos rígidos e eficientes de limpeza e desinfecção, a fim de eliminar todos os patógenos ali presentes. É crucial que sejam respeitadas as diluições, tempo de ação e ordem de aplicação dos produtos utilizados, conforme orientado em seus rótulos. Geralmente, se aplicam primeiro os detergentes para remoção dos biofilmes formados, e posteriormente o desinfetante, respeitando o seu devido tempo de ação em determinadas superfícies.

Em se tratando de higiene pessoal, todos aqueles que têm acesso à propriedade devem seguir protocolos. Roupas e calçados precisam ser limpos e de acesso exclusivo na granja. É recomendado que tenham pedilúvios com cal ou desinfetantes para a desinfecção dos calçados nas entradas dos galpões, a fim de reduzir ou eliminar a carga de patógenos provenientes nesses vestuários.

Além disso, deve haver uma área específica para a desinfecção de veículos, de equipamentos e demais objetos antes de entrar na propriedade. Caminhões que transportam suínos, ração ou outros insumos devem ser desinfetados, seja através de arcos de desinfecção, ou com bomba costal, com desinfetantes devidamente diluídos conforme orientações dos rótulos dos produtos.

3. Quarentena, medicação e vacinação

Todos os animais recém-chegados na granja devem passar um período em quarentena, que é compreendido por um tempo necessário para a sua permanência, a fim de que sejam verificadas possíveis doenças, tendo então tempo hábil para devido tratamento e impedimento da disseminação aos animais que já se encontravam na propriedade.

O tempo de quarentena será determinado pelo médico veterinário, com base na origem dos animais, do histórico clínico da granja, entre outros fatores relevantes.

Em relação às medicações administradas, devem sempre ser respeitadas as prescrições de médicos veterinários, que constarão as doses, vias e frequência de fornecimento aos animais. É de suma importância que as medicações sejam armazenadas em ambiente adequado e separado, a fim de evitar contaminações cruzadas e perda de eficiência dos fármacos. Esses produtos jamais devem ser utilizados de forma indiscriminada, ou de maneira diferente da que foi prescrita pelo seu veterinário, evitando sua ineficiência ou mesmo a ocorrência de resistência a antimicrobianos.

Sobre as vacinas, estas devem ser recebidas e armazenadas em local e temperaturas adequados, conforme orientações de seu fabricante. A administração deve ocorrer em idade, doses e vias de aplicação indicadas em bula. É válido ressaltar que, é essencial que os animais vacinados sejam identificados para que não haja mais aplicações desnecessárias no mesmo indivíduo. Todas essas práticas de vacinação devem ser implementadas, a fim de promover uma melhor proteção aos seus rebanhos frente aos agentes em que se buscam as imunizações.

4. Monitoramento e registro

A implementação de um programa de monitoramento de doenças é fundamental para detectar precocemente qualquer surto no plantel. Isso inclui a observação constante do comportamento dos animais, sinais clínicos de doenças e exames laboratoriais periódicos. Todos os registros dos lotes de suínos devem ser detalhados, com informações sobre sua origem, estado de saúde, e movimentações na propriedade são essenciais para o rastreamento de adversidades e para adoção de medidas corretivas.

5. Qualidade da ração e da água

Todo alimento oferecido aos suínos deve estar de acordo com as suas exigências nutricionais e livres de patógenos. Esteja atento para adquirir matérias primas de procedência. Armazene em local apropriado e fabrique rações com base nas boas práticas de fabricação. Evite usar restos de alimentos, sobretudo, aqueles de origem animal. Caso opte por os oferecê-los aos suínos, se atente em processá-los por meio de fervura, por pelo menos 30 minutos, a fim de que se inativem os possíveis patógenos ali presentes.

Em relação a água, deve estar sempre limpa, potável, e livre de agentes infecciosos. Sempre verifique se ela está em temperatura e quantidade agradável aos suínos. Pode ser recomendada a cloração da mesma de 1 a 3ppm, a fim de inativar possíveis agentes infecciosos.

Lembre-se: A má nutrição dos animais, além de ferir os princípios de bem-estar animal, também pode promover a incidências de doenças nos rebanhos!

6. Controle e erradicação de patógenos

O diagnóstico precoce de doenças é uma prática fundamental para o controle e erradicação de doenças na sua granja. Para isso, é fundamental que se tenham visitas periódicas de veterinários aliados ao seu manejo produtivo. Ademais, é essencial que seus animais sejam observados diariamente, a fim de verificar quaisquer anormalidades, seja no comportamento, surgimento de lesões, aumento de mortalidade e evidência de sinais clínicos diversos. O médico veterinário deve ser acionado imediatamente frente a qualquer anormalidade que surgir, para que assim, ele possa estabelecer medidas estratégicas para a resolução dos problemas. Muitas das vezes pode ser necessário o acionamento do Serviço Veterinário Oficial (SVO), para que ele verifique a possibilidade de ocorrência de doenças de importância pública e tome as medidas cabíveis. É importante destacar que, na ocorrência de doenças, o produtor não será multado pelo SVO, e sim, orientado da melhor maneira para resolver os embates, evitar a reincidência e propagação da respectiva doença no plantel.

Aliado ao controle de doenças no setor, o controle de vetores e pragas deve ser feito de maneira rigorosa e assertiva. Esteja sempre atento ao controle de roedores, insetos, aves e outros animais de vida livre, que podem ser fontes de transmissão de doenças. A instalação de telas e armadilhas ajudam a minimizar a presença de vetores, e consequentemente reduzem a possibilidade de ocorrência de doenças.

7- Auditoria e atualização

Toda granja deve realizar seu controle interno, sobre boas práticas de produção, em todas as etapas da cadeia produtiva, inclusive a respeito das práticas de biossegurança. Tal controle pode ser por meio de check-lists, ou de outra melhor maneira, de acordo com o perfil de produção adotado na granja. Outrossim, todos os funcionários e colaboradores devem ser treinados e atualizados sobre procedimentos e protocolos, para que assim, conduzam de forma coerente os manejos preconizados na propriedades, evitando intercorrências, sobretudo pelos desafios sanitários.

8- Plano de contingência

Embora um programa de biossegurança visa o impedimento de entrada de doenças na granja, sabe-se que isso ainda pode acontecer. Nesse sentido, é importante que já se tenha um plano de contingência para caso alguma enfermidade acometa o rebanho. Esteja preparado para isolar os animais doentes, estabeleça uma forma rápida e eficiente de comunicação com o seu veterinário e serviço veterinário oficial, e verifique imediatamente as possibilidades e alternativas de controle e tratamento para o desafio ocorrido.

Estabeleça esse plano com o seu veterinário, conforme o histórico de sua propriedade, de sua região e com situações prováveis, afinal, uma produção segura requer planejamento e precaução.

Conclusão:

A biossegurança na suinocultura é uma prática de notória importância para a manutenção da saúde dos rebanhos, à qualidade do produto final e à sustentabilidade econômica das granjas. Além de evitar a disseminação de doenças, essas medidas contribuem para a competitividade do setor suinícola, com destaque para a produção de carne com menores custos com medicamentos, maior eficiência na produção e acesso aos mercados internacionais. Dessa forma, investir em biossegurança é, sem dúvida, um fator crucial para o sucesso e para a longevidade do setor produtivo.

Bibliografia:

BORGES, V. F.; MARQUES, D. B. (Orgs.). **Sanidade na Suinocultura: práticas e estratégias integradas**. São Paulo: Editora Agropecuária, 2020.

EMBRAPA. **Biosseguridade na Suinocultura**. Embrapa Suínos e Aves. Disponível em: <https://www.embrapa.br/suinos-e-aves>. Acesso em: 15 nov. 2024.

GUEDES, R. M. C.; BARCELLOS, D. E. (Orgs.). **Doenças dos Suínos**. 3. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015. 1234 p.

LIMA, T. R.; SILVA, A. F. **Biosseguridade na Suinocultura: Revisão de Literatura**. Even3 Publicações. Disponível em: <https://publicacoes.even3.com.br/preprint/biosseguridade-na-suinocultura-revisao-de-literatura-2894707>. Acesso em: 15 nov. 2024.

NUCLEOVET. **Guia de Boas Práticas de Biosseguridade**. Nucleovet - Núcleo Oeste de Médicos Veterinários e Zootecnistas. Disponível em: <https://nucleovet.com.br> (site principal; consulte a seção de publicações). Acesso em: 15 nov. 2024.

PORTAL NUTRIÇÃO E SAÚDE ANIMAL. **Biosseguridade na Suinocultura: saiba como implementar**. Disponível em: <https://nutricaoesaudeanimal.com.br>. Acesso em: 15 nov. 2024.

BORGES, V. F.; MARQUES, D. B. (Orgs.). **Sanidade na Suinocultura: práticas e estratégias integradas**. São Paulo: Editora Agropecuária, 2020.